

a história do urbanismo é também a história de duas pessoas se embrenhado num terreno baldio em plena madrugada. ambas sem pertences de valor em seus bolsos. uma delas pensa que cidades colapsadas produzem corpos e relações em colapso. a outra só cumpre o protocolo antes de saírem ajeitando as calças, atravessando a rua e torcendo que ninguém tenha visto. essa história não consta nos projetos das avenidas, tão pouco nos panfletos religiosos que prometem a vida num pacífico novo mundo.

foi num terreno baldio onde conheci rafael rg, que carrega comigo um mesmo primeiro nome e, ao que parece, um desejo em comum pelos lugares que entrelaçam a cidade no corpo de gente como a gente: bichas apaixonadas e racializadas no sul das américas. no trabalho em questão, uma faixa de ráfia – símbolo patrimonial das periferias do mundo – fora instalada num terreno baldio em nova lima, minas gerais, em que era possível ler: “morreram os dois aqui, ele de camisa branca e o outro com as alianças no bolso.” [1] sua obra é produzida no contexto de uma pesquisa acessada pelo artista e que apontou o crescimento de crimes de violência por motivações homofóbicas naquela mesma cidade. a partir disso, rafael compôs uma espécie de monumento a cumprir funções de advertência, mas a lembrar que nós, as bichas, morremos reivindicando espaços em que caibam o amor, o tesão e outras sensações.

a obra de rafael marca o ano de 2013, ano em que uma travesti foi agredida e lançada de uma passarela sobre a linha do trem em bangu [2], na zona oeste do rio de janeiro. ano anterior a dois acontecimentos que me povoam a memória: meu ingresso na universidade pública e a morte de um menino de oito anos pelas mãos do próprio pai que, ao perceber trejeitos afeminados no filho, tirou-lhe a vida. [3] isso aconteceu numa comunidade chamada vila kennedy, há poucos quilômetros de onde vivi parte da infância, adolescência e vida adulta.

aqui, as histórias estão cruzadas. próximo à praça do perdão, a qual des conheço a origem do nome, há um terreno baldio. durante o dia, ele passa despercebido. estar diante de um terreno baldio é também ser tomado pela sua existência ambivalente entre natureza e civilização. estar diante de um terreno baldio é reconhecer a existência de fendas no tecido do espaço-tempo de uma cidade. comigo carrego o medo de envelhecer e não ver no que esse terreno baldio se tornou. tenho certeza de que ele não se transformará numa vila operária à luz da produção fabril de tecidos, exportando para os países nortenhos, como aconteceu por aqui durante o século XIX. a julgar pelo avanço dos projetos urbanístico-militares e pelo avanço dos discursos que ganham o campo político no tempo presente, talvez o destino desse terreno baldio, a longo prazo, seja um condomínio com vista privilegiada para as serras que circundam a zona oeste. um condomínio habitado por milícias, seres geneticamente divinos e comunidades à imagem e semelhança daquilo que não é dissidente ou originário, mas pertencente aos enfeites fantasmagóricos de uma burguesia que pagou o valor mais caro para viver num jardim do éden cercado por lanças afiadíssimas.

prefiro acreditar no caráter cônico da existência, acreditar naquilo que ainda existe nas camadas subterrâneas dos terrenos baldios. prefiro e preciso crer no que se move às escondidas do que acreditar na promessa de mais uma base para serviços militarizados que dão de volta o poder a homens cujo desejo por violência parece ser sintoma de mãos em busca do contato com algo quente e pulsante. diferente deles, acredito nas espécies que não herdarão o reino dos arranha-céus e que instalam suas bases e colônias em áreas públicas da cidade para ferir a mácula de uma urbe que, tramada por violências, jamais será um pacífico novo mundo.

em pesquisa feita pelo grupo gay da bahia durante o ano de 2019 [4], ao so-

mar áreas como terrenos baldios, parques, matagais e vias expressas, chegou-se ao número de 31,92% de mortes de pessoas lgbtqi+ nesses lugares. será preciso então reinventar uma outra experiência de cidade para nós, os seres subterrâneos, para que a gente deixe de servir como humus de paisagens capitalizadas, traçadas pelo desenho da violência. seguir reinventando até que os terrenos baldios deixem de ser o destino para corpos e existências próximas da minha, já que reinventar parece ser nossa palavra de ordem desde os tempos de criança, quando desde muito cedo fora preciso reinventar cartilhas básicas para se viver bem, sob uma tentativa de segurança de si: reinventar a ideia de amor, de casa, de escola, de aprendizagem, de família, de vida e de morte.

donna haraway aposta no que ela chama de uma diferença específica a manifestar na carne uma terrível infecção evolutiva chamada amor [5] para responder ao gesto de viver e morrer bem. não sei se concordo. releio a troca de escritas entre castiel vitorino brasileiro e jota mombaça, na qual jota me faz pensar sobre a dificuldade de amar territórios que nos colocam na posição de estrangeiras e estrangeiros até na rua de casa, nos tirando da ideia de sociedade. com jota aprendo que eu também interpreto, eu também não sei nada sobre esses olhares que coisificam as existências dos meus pares - eu também me sinto curiosa, ela escreve. todo mundo torceu e achou que eu ia morrer na praia, e eu mostrei pra eles que eu vou morrer onde eu quiser. [6]

hoje dou de cara com chapas de ferro delimitando o perímetro do terreno baldio próximo à praça do perdão, impedindo a entrada de invasores. sitiando quem está lá dentro. o mató já me ganha na altura. pode haver qualquer coisa em seu interior, mas só saberá sobre sua botânica e suas formações rochosas quem ali comungou segredos do visível com o invisível. quem fez daquele meio privado, possibilidade de gozar de maneira pública.

ora, se existe uma intimidade fundamental entre pessoa e meio, como escreveu mônica coster, e a morte do meio reside na sua insubordinação [7], o quão insubordinados podemos ser até que algo morra nessa narrativa em disputa? nós, minhas amigas, carregamos na gente o cansaço de disputar por algo. esse projeto urbanístico não foi feito para nós, embora feito por nós! por isso faço da troca de cartas e de outras textualidades, dispositivos de releitura desse mundo enfermo em normas muito específicas e condicionantes que regram este ou aquele corpo estranho. cansaço de disputar também o lugar de inteligibilidade do texto, da escrita e da universidade.

sabine passareli, em carta à sua irmã, matheusa, escreve: são normas que causam apenas mais dor e vulnerabilidade, então é nossa missão lutar contra a imposição de ainda mais regras e contra a lógica que nos desenha. para passareli, é necessário desencadear a conscientização do mundo para voltar acreditar na vida [8]. diferente das cartilhas que antes desenhavam a figura da mãe ou do pai desmistificando os monstros que saíam de dentro do armário e debaixo da cama (seres disformes ligados à ideia de morte da inocência), agora nos constituímos sob outras configurações familiares. nossa monstruosidade ante regimes padronizados e caducos miram a morte da ideia dessas perspectivas para driblar os disfarces das necropolíticas. eu sou o monstro que por algum motivo uma gama de agentes tentava me impedir de ser. aqui, me sinto empenhado em arrumar meios de contar histórias, de perverter a escrita e a documentação sobre nossas próprias narrativas e as narrativas de nossas amigas, celebrando, quando não suas vidas, suas memórias! escrever como a criar espaços nas brechas da história, para os saberes que nascem no corpo e na experiência de quem reconhece os limites entre o gozo e a morte em terrenos baldios, linhas do trem, ruas desertas, construções inacabadas... dar parte dessa escrita tem a ver com sair viva da história oficial para contar mais uma história (ailton krenak me adverte

sobre a importância de se ter sempre mais uma história a ser contada antes do derradeiro fim) [9].

torna-se necessário possibilitar entendimentos poéticos para combater a razão que delimita não só as cidades, mas as relações, os saberes, o cientificismo. reeditando, assim, sob outras perspectivas a ideia de norma, reencontrando a linguagem, os dados e a maneira de comunicar um texto que não se encerra e que está em cozimento para quando pudermos celebrar a extinção de dispositivos que corroboram com a naturalização da nossa morte. há, no reencontro do corpo como casa, como me sussurra castiel, o uso da palavra como um ato mágico de substanciação para combater os vários abismos, vários buracos, buracos frios, dessa experiência de estar aqui. juntas, nós pensamos sobre quais são os modos, quais são os exercícios, as éticas, as performances, os modos de viver, de estar, de vibrar, que você precisa percorrer para conseguir fazer do seu corpo sua casa. [10] assim, estar viva, é uma ferramenta estética, [11] como mônica voltou a dizer.

são 04:52 da manhã. as duas figuras atravessam a rua em silêncio, com os sentidos aguçados caso precisem correr. os pelos da barriga ainda grudados pela viscosidade que os excedem. daqui há alguns anos aquele espaço deixará de existir e ali ficará marcado numa caligrafia invisível o tramar da intimidade, a comunhão que convoca como dresscode as calças arriadas até os joelhos, a aliança que não consta nas atas e nos cartórios. com a terra pisada presa sob as solas dos tênis e os carrapichos agarrados nas barras das calças. nem mesmo os primeiros sinais do dia amanhecendo são capazes de revelar os vestígios do pacto com o terreno baldio em que as únicas testemunhas foram as espécies presentes num ecossistema permeado por invisibilidades. semelhante às alamedas do parque da república, atual campo de santana, descritas por joão do rio como o paraíso dos marrecos e de outros animais de mais tino e menos inocência. [12] enquanto o projeto urbanístico de pereira passos naquele início de século iluminava áreas em detrimento de outras, o que estaria acontecendo às sombras da imponência dos muros da fábrica bangu? quantos terrenos baldios estariam em execução para dar parte de um imaginário de cidade estruturado pelo não acesso de trabalhadores e trabalhadoras ao novo espaço urbano público, confinando-os a suas vilas operárias, sem tempo nem dinheiro para frequentarem as novas avenidas, as praças, os teatros e os casinos em prol da ordem ilusória criada pela burguesia. [13] oi? o outro pergunta. nada, seu par responde, pensei alto aqui comigo. pensei alto e é esse o meu problema.

[1] RG, Rafael. El futuro del amor, 2013 – 2014. trabalho proposto para a residência ja.ca. [2] G1, 06/02/2013: Travesti eleita princesa gay no Rio é espancada e jogada em linha de trem. [3] Notícias UOL, 05/03/2014: Menino de 8 anos que gostava de lavar louça morre espancado pelo pai no Rio. [4] OLIVEIRA, José Marcelo Domingos de. Mortes violentas de LGBT+ no Brasil – 2019: Relatório do Grupo Gay da Bahia/ José Marcelo Domingos de Oliveira; Luiz Mott. – 1. ed. – Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2020. [5] HARAWAY, Donna. Cuando las especies se encuentran: introducciones. University of California at Santa Cruz, USA: Trad. de Valeria Meiller, 2018. [6] MOMBAÇA, Jota. BRASILEIRO, Castiel Vitorino. Pois agora estamos no fundo do mar. Revista Corpo futuro / Editor Fernando Zugno; colaboração editorial Gabriela Poester ; colaboração criativa Bruno de Barros. – Porto Alegre : Secretaria Municipal da Cultura: Porto Alegre em Cena, 2020. [7] COSTER, Mônica. 14 Considerações sobre Meio Vivos. Revista Desvio: Rio de Janeiro, 2021. [8] PASSARELI, Sabine. Spotlight Brazil: fanzine CHIME FOR CHANGE, Gucci. 2019 [9] KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. Companhia das Letras, 2019. [10] MOMBAÇA, Jota. BRASILEIRO, Castiel Vitorino. Pois agora estamos no fundo do mar. Revista Corpo futuro / Editor Fernando Zugno; colaboração editorial Gabriela Poester ; colaboração criativa Bruno de Barros. – Porto Alegre : Secretaria Municipal da Cultura: Porto Alegre em Cena, 2020. [11] COSTER, Mônica. 14 Considerações sobre Meio Vivos. Revista Desvio: Rio de Janeiro, 2021. [12] DO RIO, João. João do Rio Crônicas. Org. Gabriela Beting. São Paulo, Carambaia, 2015. Publicada originalmente na coluna “A cidade”, do jornal Gazeta de Notícias, em 05/03/1903. [13] SEVERINO, Carlos Molinari Rodrigues. Menores dentro da indústria têxtil: uma análise da Fábrica Bangu durante a Primeira República. Programa de Pós-Graduação em História – UNB. XI Congresso Brasileiro de História Econômica, Vitória/ES: 2015.



A Vida num Pacífico
Novo Mundo

rafael amorim